

*DAMATTA, Roberto. Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro : Rocco, 1993. 209p.*

Roberto DaMatta é um dos mais criativos antropólogos brasileiros. Sua atenção não se prende aos fatos paleontológicos para tirar conclusões pouco interessantes aos reclamos da nossa sociedade. Trabalha fatos do cotidiano, descobre sua trama e projeta suas conseqüências. Faz de seu lugar de observação não o laboratório, mas o *locus* da pertinência e da candência, onde se processa o comportamento do homem na interação social e cultural. Daí sua linguagem não ser construída pelas expressões especializadas ou por jargões que estão longe da compreensão do povo. Não constrói um discurso hermético que só pode ser decodificado e entendido por especialistas. Seus textos permitem uma leitura amena, não pela linearidade de suas abordagens, mas pelo acabamento de suas idéias. Problematiza o cotidiano e, aqui está, talvez, uma de suas maiores virtudes. Enquanto a maioria vive o cotidiano na rotina de seu trabalho, estabelecendo um imanentismo entre o sujeito e a sua ação, é função do antropólogo estabelecer os níveis de transcendência que permitam a análise ampla e encadeada. Enquanto outros aproveitam, por outro lado, o cotidiano para dar lugar ao descanso, ao desligamento, à sonolência, o antropólogo permanece vigilante. E nosso autor tem feito isso de uma forma notadamente competente e agradável. Parece ter prazer no que faz e no que estuda. E também nos dá prazer quando tomamos conhecimento de suas observações e ilações próprias de sua perspicácia.

Frutos de suas pesquisas atentas são seus textos clássicos de antropologia social incluídos em volumes já publicados: *Ensaio de antropologia estrutural* (1973); *Carnaval, malandros e heróis* (1979); *A*

*casa e a rua* (1985). Especialmente estas duas últimas são típicas de seu labor intelectual devotado ao desvendamento das mais curiosas e inesperadas realidades sociais que estão presentes e bem presentes em nosso meio. E o interessante é que o autor não busca elaborar compêndios acabados sobre determinados temas. Explora-os de forma similar e/ou complementar, remetendo o leitor, sem qualquer pudor, a textos já publicados anteriormente. É adepto do ensaio e não do compêndio. Daí manter-se sempre aberto em seus escritos à analogia, à similaridade, ao complemento.

Desse modo, a obra em apreço nada mais é do que uma despreziosa série de estudos que procuram desvendar determinados componentes estruturais de nossa realidade social. Diluindo o rigor científico num estilo despojado das roupagens acadêmicas, lida, a um só tempo, com o erudito e o popular.

E que componente mais popular que o número sete? Presente nos discursos cabalísticos, nos rituais religiosos do próprio cristianismo, na ordem cíclica de nosso universo, onde o setenário de dias é fundamental para a compreensão do cosmos e da natureza. Mas o folclore é um tanto impiedoso para com o citado número. Alia-o à mentira. Jocosamente, Roberto DaMatta aproveita esse lado folclórico do número sete e alinha seus ensaios visando aos mais diversos assuntos: saudade, música de Carnaval, tendências brasileiras, a inflação crônica que acabou com os planos econômicos e que não pode ser subestimada na atual vigência do plano real etc... Sem abandonar o rigor acadêmico, afrouxa o aparato científico e deixa correr a linguagem quase poética - o que dá fluidez e criatividade às suas idéias.

O primeiro texto versa sobre “Antropologia da saudade” (pp. 17-34). O objeto de seu estudo é visto como uma construção cultural e ideológica, como uma categoria do espírito humano que se abre a uma certa estrutura de valores.

O segundo texto tem como título “A obra literária como etnografia: notas sobre as relações sociais entre literatura e antropologia” (pp. 35-58). É a tentativa de usar a obra literária como peça etnográfica. Jorge Amado e Guimarães Rosa são autores estudados como exemplos daqueles que apontam em sua produção literária uma exposição de princípios estruturais de nossa sociedade.

O terceiro estudo, “O poder mágico da música de Carnaval: decifrando *Mamãe eu quero*” (pp. 59-89), deixa aflorar a abordagem sociológica de alguns aspectos da música popular brasileira, especialmente o nexo das relações sociais e políticas nela presentes.

O quarto artigo, “Em torno da representação da natureza no Brasil: pensamentos, fantasias e divagações” (pp. 91-123), procura discutir generalidades presentes nas concepções brasileiras de natureza, não obstante a diversidade e a complexidade sugeridas pelo tema.

O quinto estudo, “Para uma antropologia da tradição brasileira” ou “A virtude está no meio” (pp. 127-149), trata do conceito de tradição, cujo uso distorcido tem causado sérios obstáculos à compreensão da realidade latinoamericana.

O sexto artigo, “Em torno da matriz cultural da inflação: notas sobre inflação, sociedade e cidadania” (pp. 151-174), procura enfocar a inflação no Brasil não simplesmente no âmbito da economia, mas passando pela política e pela sociedade. Nesse caso, inflação e cidadania estariam irmanadas. Por isso, o autor, fazendo essa relação, diz que a condição de cidadão é uma espécie de moeda cívica, desvalorizada com o aumento de cidadãos e o colapso dos serviços públicos.

O último artigo, “Os discursos da violência no Brasil” (pp. 175-197), é uma análise atenta das várias leituras do tema, desde a teórica ou erudita, até a popular. Entre uma e outra está a leitura institucional.

O que perpassa todos esses textos produzidos em épocas e situações diferentes, além da finura metodológica e da agradável linguagem, é a tentativa de observar a ordem social como um organismo, onde os indicadores mais insólitos se tornam mais interessantes.

*Paulo de Góes*

*(Departamento de Filosofia)*